

A QUIMIO DE TORGA



Demonstração primeiro ato de anestesia em 1846, óleo sobre tela de 1882, Robert Hinckley (1853-1940).

Testemunhos pessoais não são ciência.

Mas, carregados da verdade da beleza literária, arrepiam a sensibilidade, nos fazem identificar ficções ou experiências que não queremos compartilhar. E quando a experiência e a prosa se unem fazem despontar palavras que se eternizam.

Miguel Torga, médico e escritor, dos melhores que Portugal já teve, tinha a personalidade do nome a que se autodenominou. O da urze. Uma planta de sua terra, rude, resistente às interpéries climáticas. Também ele queria ser rude, cortante, não de feitiço, mas resistente aos infortúnios e à pequenez e exiguidade da vida. E assim a exerceu. Refratário às glórias da profissão, as teve como escritor. O Nobel não lhe fez jus.

Seu fim foi dramático. Mas teimou como convém aos grandes dramas. E fomos encontrar alguns ápices de sua luta contra o cancro – é assim que os

portugueses chamam o câncer – prostático e metastático, no Tomo XVI de seu Diário, onde cunhou palavras com sofrimento sem perder a altivez. Altivez que nos faz lembrar o que é o sabor da vida plena e prestável. A única que conhecia.

“Quimioterapia. Quatro horas a ver pingar dentro das veias o veneno que há de matar a morte que teima em viver e medrar dentro de mim.”

“... Teimo em merecer ainda da vida a dignidade de alguns momentos de plenitude física e mental. E a vida, sempre madrasta, acaba por me pôr diante da evidência do cadáver ambulante que na verdade sou e em que me recuso reconhecer.”

“De vez em quando, como neste momento, lembro-me vagamente de que já fui um homem válido, ativo, prestável, Que não concebia tempos vazios na existência. Que os enchia todos de esforço e esperança. Mas cheguei a uma miséria tal que nem saudade tenho desse outro que tanto batalhou e sofreu para nada e me parece agora uma ficção.”

Quem não se arrepiar com tais palavras não conhece o sabor da vida plena e prestável. 📌